

Paixão e sentido na clínica fenomenológica-existencial

Paulo Evangelista

Fui convidado recentemente a falar sobre “paixão”. Queria falar dentro de uma abordagem fenomenológica, que é minha linha de trabalho. Isso significa que não poderia me contentar com a definição comum, “vulgar”, de “paixão”. Esta a entende quase que exclusivamente como “paixão amorosa”, que elimina as faculdades da razão. A fenomenologia nos convida a pensar a história disso que chamamos de paixão e sua relação com a existência humana.

A concepção da humanidade do homem como existência – ou ser-aí – é o fundamento da abordagem fenomenológico-existencial. Existir significa que cada um é responsável por cuidar da existência e que isso é imperativo, pois existir é ser indeterminado. Nas palavras de Heidegger, “A ‘essência’ deste ente está em ter de ser. (...) As características constitutivas do ser-aí são sempre modos possíveis de ser e somente isso.” (§9) e “O ser-aí se constitui pelo caráter de ser meu, segundo este ou aquele modo de ser.” (§9) Trocando em miúdos, isso significa que a existência não tem uma determinação prévia e por isso é responsável por se “realizar”. Esse realizar-se a si mesmo não é um projeto consciente, planejado, mas é o acontecer de quem eu sou ao longo da minha vida a partir das relações que teço e me tecem com as coisas os outros e comigo mesmo. Existir é ser este “quem” que eu sou. E ser alguém, ser este “eu”, não é uma propriedade da existência, mas é algo que se conquista como um sentido para o ser que sou. Não tendo determinações prévias (diferentemente de coisas e animais) a existência “se realiza” como sentido. Trata-se daquilo que costumeiramente chamamos de “sentido da vida”. Como sabemos vivencialmente, o sentido da vida não é algo já dado, mas é algo que constantemente construímos, buscamos, reformulamos, compartilhamos e que nunca fica assegurado definitivamente. Isto é, o sentido da vida pode ser perdido. Mais frequentemente, ele se enrijece na forma de uma “identidade”¹, de um “quem” muito bem constituído.

¹ Com o termo “identidade” indicamos um conjunto de modos de ser a partir dos quais eu me reconheço e os outros me reconhecem. E como é um modo de ser do ser-aí, essa identidade tem uma dimensão temporal. Mais especificamente, a “identidade” encobre a temporalidade da existência, pois traz consigo a compreensão de que “sempre fui assim” e “sempre serei assim”, isto é, passado e futuro nivelados pelo presente. Quanto à dimensão futura, do porvir, a identidade como que guarda um futuro já pronto, já esperado.

A história do conceito de paixão

Tendo apresentado brevemente essa concepção de existência, que fundamenta a compreensão daseinsanalítica, devemos perguntar: como “paixão” se articula com essa concepção?

Como a existência tende a se fixar em definições e sentidos a partir dos quais ganha identidade, precisamos realizar um esforço para liberar as paixões das amarras conceituais onde as prendemos e domesticamos. Para isso, a história do conceito é um caminho rico, pois descobrimos que isso – as paixões – de que falamos com sensação de propriedade – pois “paixão” todo mundo sabe o que é – não foi sempre compreendido desse jeito. Qual é a história disso que reconhecemos em nós mesmos como um “sentimento, gosto ou amor intensos a ponto de ofuscar a razão; grande entusiasmo por alguma coisa; atividade, hábito ou vício dominador.” (Houaiss, def. 5)

A palavra “paixão” vem do latim *passio*, tradução do grego *pathos*. *Pathos* significa padecimento. O verbo *paskho* significa “ser afetado de tal ou qual maneira, experimentar tal ou qual emoção ou sofrimento, sofrer alguma ação externa.” (Chauí, p.508) Seu oposto é *praxis*. *Pathos* significa o caráter passivo, uma dimensão incontrollável da vida humana. É muito mais amplo do que a paixão amorosa, englobando a cólera, a ira, o ódio, o nojo, a náusea, o amor, a alegria. O que caracteriza o *pathos* é, como diz Sartre sobre as emoções verdadeiras, que “a emoção é sofrida. Não se pode sair dela à vontade, ela se esgota espontaneamente, mas não podemos interrompê-la.” (Sartre, 1972, p.76)

Nas obras de Platão e Aristóteles as paixões aparecem como constitutivas da existência humana. Para Platão, a *epitumia* (apetite, instinto) e o *tymos* (disposição afetiva) compõem a alma humana com o *logos*, a capacidade de razão. A filosofia, dizia ele, só é possível a partir do espanto (um afeto).

Aristóteles pensa as paixões a partir da oposição ação – paixão. Ação (*praxis*) é a potência de provocar mudanças, enquanto paixão (*pathos*) significa ter a causa de sua modificação em outra coisa que não si mesmo. Por isso para ele a paixão é inferior à ação.

O fato de ter que mudar (de lugar ou de quantidade ou de qualidade) para receber uma nova determinação mostra que ela não possui todas as qualidades de uma só vez, e que a aparição destas depende da intervenção de um agente exterior. Ora, este último aspecto é fundamental para a determinação do *pathos*. É reagindo a uma ofensa que eu sinto raiva. Sinto medo ao imaginar um perigo iminente que possa me prejudicar ou destruir. A paixão é sempre provocada pela presença ou imagem de algo que me leva a reagir, geralmente de improviso. Ela é então o sinal de que eu vivo na dependência permanente do Outro. Um ser autárquico não teria paixões. Pode-se imaginar um deus irritado ou amoroso? (Lebrun, 1987, p.18)

Portanto, só é passível de ser movido, de transformar-se, aquilo que não é plenamente determinado. Assim é constitutivo da existência humana ser movido, apaixonar-se, padecer. Complementarmente, a alma pode educar as paixões, isto é, direcioná-las à conformidade com as circunstâncias. Numa interpretação mais livre dessa concepção, dizemos que *paixão é sofrer uma transformação*.

A partir do Estoicismo, movimento filosófico que tinha no ascetismo uma de marcas mais fortes, e com o advento do cristianismo, paixão e razão tornam-se opostas. A Escolástica (Idade Média) opõe *agape* (amor a Deus) e *charitas* (amor ao próximo) a *Eros* (desejo impulsivo). *Eros* é tida como possessão diabólica – não mais constitutiva da humano – condenada e reprimida. Esse movimento revigora o ideal estóico, que almejava a anulação dos efeitos das paixões através da conduta racional, única que direciona à *Arete* (virtude).

É somente no século XVIII que as paixões serão repensadas como um aspecto sombrio, instintivo, mas constitutivo da alma humana. Esse fundo incontrolável e noturno é visto também como animador da vida, em constante conflito com a razão. (Reconhecemos aqui as origens da metapsicologia freudiana.)

Compreensão da análise dos afetos

Como articular as paixões com a compreensão da existência exposta por Heidegger? Percebemos imediatamente que a oposição razão – paixão não faz sentido

numa compreensão daseinsanalítica, dado que o ser-aí não é um conjunto de funções anímicas ou um aparelho psíquico. É existência.

Em *Ser e Tempo* esse tema aparece no §29 “O ser-aí como disposição”. Nesse trecho lemos: “O que indicamos ontologicamente com o termo disposição é, onticamente, o mais conhecido e o mais cotidiano, a saber, o humor, o estado de humor.” (§29) *Stimmung*, em alemão, significa “o estado e integração dos diversos modos de sentir-se, relacionar-se e de todos os sentimentos, emoções e afetos bem como limitações e obstáculos que acompanham essa integração.” (p.321) Heidegger segue mostrando que a existência “já está sempre de humor”, não estando sob seu controle a determinação deste ou daquele. Existir é estar aberto ao mundo, às relações consigo mesmo, outros e coisas a partir de um estado de ânimo. Por isso Heidegger explica, recusando nossa compreensão cotidiana emoções, que “O estado de humor não remete, de início, a algo psíquico e não é, em si mesmo, um estado interior que, então, se exteriorizasse de forma enigmática, dando cor às coisas e pessoas. (...) [a disposição] é um modo existencial básico da abertura igualmente originária de mundo, de co-ser-aí e existência, pois também este modo é em si mesmo ser-no-mundo.” (§29, p.191)²

As emoções são, portanto, constitutivas da existência, “colorindo”, caracterizando todas as vivências. Nesse sentido, não se opõem à compreensão que surge a partir delas. Muito pelo contrário, as emoções estão absolutamente relacionadas às compreensões. As emoções “abrem” o ser-aí para si mesmo, para os outros e as coisas, delimitando significações possíveis.

Medard Boss, que organizou por uma década seminários de Heidegger para médicos e psiquiatras, demonstra como alguns afetos nos abrem no mundo. Quem ama está mais disponível para perceber a beleza e a bondade do amado, por mais sutil que ela seja. Quem está bravo perde a noção da estreiteza de suas percepções e restringe a gama de significados que lhe chegam. Quem está tomado de ódio não tem disponibilidade para os aspectos bons daquilo com que se relaciona. A angústia revela a possibilidade de “perder o chão” da existência, a solidão perante a vida, o vazio de sentido. (Boss, 1994, p.109-114)

² Sartre “traduz” essa compreensão no seu estudo sobre as emoções da seguinte maneira: “A emoção não é um acidente, é um modo de existência da consciência, uma das maneiras como ela compreende (no sentido heideggeriano de ‘verstehen’) seu ‘ser-no-mundo’.”

A angústia revela o vazio de sentido. Os demais afetos revelam outros sentidos para a vida, alguns mais amplos, leves, convidativos, enquanto outros revelam o peso da vida (do sentido no qual a vida está sendo vivida).

Essa é uma importante relação para o daseinsanalista: afeto e sentido. A palavra “sentido” tem aqui dois significados: é sinônimo de “significado” e também de “direção”. Este último se relaciona com a dimensão de estar sempre a caminho, em direção ao futuro, da existência. O terapeuta daseinsanalista frequentemente se pergunta: qual é o sentido dessa existência que se sente dessa maneira em relação a si mesmo ou sua história ou suas relações? Também se pergunta: de que modo esses sentimentos abrem essa pessoa para o sentido de sua vida?

Conseguimos até aqui uma primeira aproximação da compreensão fenomenológica-existencial dos afetos. Ao mesmo tempo, confundimos as noções de paixão, afeto, sentimento, estado de ânimo, emoção. Conquistamos, com isso, a compreensão de que o ser-aí é uma abertura afetiva para o mundo.

Para uma compreensão daseinsanalítica da paixão

Como diferenciar as paixões dos afetos? Há diferenças? Já apreendemos que é característico da dimensão afetiva da existência que não seja separada da compreensão (ou da razão) e que os afetos, paixões, etc. acontecem à revelia das vontades de cada um. Este aspecto está enunciado na raiz da palavra paixão, *pathos*, como já vimos. Paixão é aquilo que se padece, revelando a indigência da existência.

Será que o diferencial da paixão está na sua intensidade? No uso comum da palavra a encontramos assim. A paixão é forte, violenta, arrebatadora, enquanto os sentimentos não os são necessariamente. No consultório ouço os pacientes – e também fora dele, entre amigos – dizerem que a paixão (amorosa) acabou e transformou-se em amor, mais “morno”. Sigamos essa idéia do senso comum em direção à nossa compreensão. Sigamos também outro indício presente na fala cotidiana, aquele que toma como sinônimos as paixões em geral e a paixão amorosa.

A paixão amorosa pode ser caracterizada como um estado em que nossas ações e intenções estão intimamente ligados ao outro, de quem necessito. Sinto-me abandonado ao outro, que ilumina e colore minha vida, vivendo uma agradável (e às vezes sofrida)

perdição.³ Cabe lembrar que não escolho me apaixonar, mas é algo que me arrebatava e a que só me resta lutar contra ou entregar-me. E lembrando a concepção aristotélica é próprio dos entes não total e plenamente determinados – portanto, possíveis – que sejam afetados. O ser-aí, como temos visto, é indeterminado, vindo a encontrar determinações para si mesmo nas identidades que assume, nos sentidos em que se lança.

Há um peso por sermos indeterminados. Existir é uma tarefa que cada qual assume para si e realiza-a sendo quem se é. E ser alguém significa – como já vimos – ser reconhecido e reconhecer-se a partir de um sentido. O sentido da minha vida me confere uma identidade, me traz parâmetros e limites de quem sou, do que faço, do que não faço, do que posso, do que não posso, do que acho certo e errado. Vale lembrar que sendo ser-com, esses parâmetros não são singulares e individuais, mas sempre compartilhados – quem eu sou, minha “identidade” depende dos outros. Além disso, essa minha identidade que se cristaliza no cotidiano encobre o caráter da existência de ser possível, de, sendo indeterminado, indigente, ter que ser sendo lançado e lançando-se em sentidos.

Uma paixão quando irrompe tira o chão. A paixão amorosa, por exemplo, é a promessa de que algo pelo que anseio me será entregue em breve, no futuro. Anseio por uma salvação de minha solidão, de meu sofrimento, de uma confirmação de minha existência. (Critelli, 1992, p.24) Isso não quer dizer que eu saiba que anseio nem que compreenda esse anseio. Daí a relação entre a paixão amorosa e a sedução. “Sedução” vem de *seducere*, que significa desviar, afastar e separar e atrair, encantar e fascinar. Seduzido, o apaixonado desvia, aparta-se do sentido constituído no qual se reconhecia. Daí o sofrimento e, ao mesmo tempo, a liberdade da paixão: rachando, trincando ou mesmo estilhaçando um sentido confortável – pois me confere identidade – e aprisionante – pois me confere identidade – a paixão revela o caráter de possível daquele que é arrebatado. Penso que isso vale para todas as paixões. Daí seu parentesco com a loucura também, pois as paixões nos levam para além de nossas fronteiras, nos desabrigando de nossa identidade. Numa paixão amorosa, me descubro desejando, fazendo, vivendo coisas anteriormente inimagináveis por mim. Esse desabrigar-se revela o caráter de possível da existência, pois descubro vivencialmente (não reflexivamente, embora também posso) que sou livre, que posso (“posso” vem de

³ Para estas considerações, sigo as exposições de Critelli (1992) e Beirão (1994).

“poder”, que significa tanto “ter possibilidade” quanto “dispor de força”), e que o sentido da vida (quem somos) – para o bem e para o mal – é frágil.

As paixões expõem ao “risco de excesso e da desmesura, levando à transgressão da ordem estabelecida, seja do meio familiar, (...) seja dos mores locais, (...) seja da lei ou do sistema sistema.” (Nunes, 1987, p.274) Tomado de paixão, o que antes fazia sentido não faz mais. Quem eu era, não sou mais. As paixões revelam que me tornei outro.

Digo que isso é verdadeiro para todas as paixões. Para exemplos mais acessíveis de arrebatamentos e demolições de identidades constituídas, basta procurar nos livros de Clarice Lispector. Um ódio ou um nojo são paixões tão desalojadoras quanto uma paixão amorosa.

Paixão e sentido na clínica

Que o sentido da vida seja uma tarefa que cotidianamente realizamos e mesmo assim possa perder-se, isso é propriamente humano. Que o sentido da vida possa ser transgredido, isso é propriamente humano. Que seja sofrimento e júbilo, isso é propriamente humano. Essa é uma das mais importantes questões que freqüentam a clínica do terapeuta fenomenológico-existencial: o sentido da vida. Pessoas nos procuram porque perderam o sentido ou porque quem são já não faz mais sentido ou porque não conseguem abandonar sentidos caducos, cristalizados e empoeirados. Procuram a terapia pessoas que se tornaram outras, mas ainda não se apropriaram desse novo si mesmo. Outras sentem que já não são mais quem eram, mas temem, evitam, recusam ou lutam contra essa transformação. A tarefa da terapia é recobrar a liberdade que está perdida e oculta sob uma identidade constituída ou testemunhar e reconhecer o nascimento de uma nova “identidade”, a partir da devastação trazida pelas paixões. No primeiro caso, podemos dizer que a terapia cuida da existência no modo de uma recuperação da condição de apaixonar-se. Isto é, a terapia recupera a liberdade existencial de ser possível. Ser possível significa estar constantemente sujeito a transformações e ter a capacidade de assumir os novos sentidos que surgem como próprios. A partir da relação terapêutica o sentido cristalizado é redimensionado a um possível que se efetivou, liberando a existência para a sua liberdade. No segundo caso,

trata-se de reconhecer a liberdade humana que irrompeu e se manifestou, cuidando para que quem padece não fique preso na falta de sentido que se manifestou.

Referências Bibliográficas

BEIRÃO, M. (1994) Alguém apaixonado diante do outro que seduz. Artigo publicado no jornal da Faculdade de Psicologia da PUC-SP “O Psicanalha” no.5, set./1994.

[Disponível em: <http://www.fenoegrupos.com/JPM-Article3/index.php?sid=33>]

BOSS, M. (1994) *Existential Foundations of Medicine and Psychology*. Trad. Conway, S.; Cleaves, A. New Jersey / London: Jason Aronson Inc.

CHAUÍ, M. (2002) Introdução à História da Filosofia: dos Pré-Socráticos a Aristóteles. São Paulo: Companhia das Letras.

CRITELLI, D.M. (1992) “Sedução.” In: BEIRÃO, M. e CASTRO, E. (orgs.) *Vida, Morte e Destino*. São Paulo: Companhia Ilimitada.

HEIDEGGER, M. (1998/1927) *Ser e Tempo*. (Coleção Pensamento Humano) Trad. Márcia Cavalcante. 7ª edição. Petrópolis: Ed. Vozes.

LEBRUN, G. (1987) “O conceito de paixão.” In: CARDOSO, et al. *Sentidos da Paixão*. São Paulo: Companhia das Letras.

NUNES, B. (1987) “A paixão de Clarice Lispector.” In: CARDOSO, et al. *Sentidos da Paixão*. São Paulo: Companhia das Letras.

SARTRE, J.-P. (1972 / 1939) *Esboço de uma Teoria das Emoções*. Trad. A. Fernandes. Lisboa: Editorial Presença.